

A IDENTIDADE NEGRA COMO PROCESSO DE DISCUSSÃO NA SALA DE AULA POR MEIO DO POEMA “ME GRITARON NEGRA”

Rauan Robério Santos Batista (UEPB/CAPES)¹
Gabrielly Evelyn Lopes Barbosa (UEPB/CAPES)²
Thiago Marinho da Silva (UEPB/CAPES)³
Gilda Carneiro Neves Ribeiro (UEPB/CAPES)⁴

INTRODUÇÃO

Entendemos que a educação não é um ato neutro e nem isolado, ela é um processo revolucionário que temos dentro da nossa sociedade. Diante disso, percebemos que muitos alunos estão em classe buscando essa “revolução”, essa mudança social e educacional em suas vidas.

Ser professor no cenário político e social atual não é uma tarefa fácil, pois, temos um sistema político educacional que, muitas vezes, não respeita o papel e a importância do professor em sala de aula, dificultando, assim, o trabalho do docente. Entretanto, é por compreendermos a importância da educação, socialmente, que nos dedicamos, a cada dia, para formarmos sujeitos cada vez mais conscientes e críticos.

Deste modo, temos por objetivo discutir sobre as questões históricas e sociais que permeiam as questões raciais, bem como discutir sobre a construção da identidade negra em sala de aula. Para tal discussão, nos embasamos em Moore (2009); Silva (2007); Muszkat (1986), entre outros.

Compreendemos que através da experiência vivenciada, percebemos a importância da discussão sobre a temática em classe, pois, por meio desta discussão conseguimos provocar o reconhecimento sobre a importância do empoderamento nos alunos, como também o fato de se reconhecerem enquanto negros, aprendendo, assim, sobre o racismo estrutural e como o combatemos. Observamos também que o texto escolhido para abordar as questões do processo de identidade racial corroborou para a construção desse entendimento.

METODOLOGIA

Esta experiência passou-se no dia 14 de novembro de 2018, na Escola Cidadã Integral Monte Carmelo, que fica localizado no bairro do Pedregal em Campina Grande – PB, com a turma do 2º ano do ensino médio.

A aula faz parte do Programa Residência Pedagógica – UEPB/CAPES - cota 2018/2020. Por meio da Residência Pedagógica temos a oportunidade de desenvolver as nossas habilidades como professores, corroborando, assim, para a nossa formação docente através da prática em determinadas escolas públicas de Campina Grande e Esperança, na Paraíba.

¹ Graduado do Curso de Licenciatura em Letras Espanhol pela Universidade Estadual da Paraíba - PB, bolsista CAPES do Programa Residência Pedagógica rauan_07@hotmail.com;

² Graduada do Curso de Licenciatura em Letras Espanhol pela Universidade Estadual da Paraíba - PB, bolsista CAPES do Programa Residência Pedagógica gabrielly.lopes.barbosa@hotmail.com;

³ Graduado do Curso de Licenciatura em Letras Espanhol da Universidade Estadual da Paraíba - PB, aluno bolsista CAPES do Programa Residência Pedagógica thiago.marinho12@hotmail.com

⁴ Professora orientadora: Dr^a Gilda Carneiro Neves Ribeiro, Universidade Estadual da Paraíba - PB, bolsista CAPES do Programa Residência Pedagógica profgilda23@gmail.com.

Na oportunidade, foi possível iniciar as discussões históricas e sociais sobre as questões envolvidas no processo de construção da identidade negra. Aproveitamos o mês de novembro, já que no dia 20 do mesmo mês é celebrado o dia da consciência negra. Diante disso, compreendemos a necessidade de discutir tal temática com os alunos e, para isso, utilizamos um poema de uma escritora peruana, Victória Santa Cruz.

Neste poema, *Me gritaron negra*, é discutido sobre o processo de construção da identidade negra de uma garota, que tem o seu primeiro confronto com a sua negritude aos 3 anos de idade. Diante disso, ela vai criando a sua consciência sobre como é ser negra na sociedade, até se entender enquanto negra, compreendendo, assim, o seu processo de construção.

Com isto, neste presente trabalho, temos a pretensão de relatar nossa experiência da abordagem sobre questões de raça e etnia, bem como evidenciar as questões envolvidas no processo de construção da identidade racial no âmbito escolar.

DESENVOLVIMENTO

A construção da identidade é algo que perpassa por várias instâncias sociais até que o ser se dê conta de que esse encontro com a identidade é construído a partir da sua identificação com o meio social em que vive, com a sua relação interpessoal e, também, o seu reconhecimento através das suas características físicas (que para a sociedade é o que importará).

Jung *apud* Muszkat (1986), através dos seus estudos na psicologia analítica nos dirá que,

De modo geral, pode-se dizer que a individuação é o processo de constituição e particularização da essência individual; de modo particular, é o desenvolvimento do indivíduo psicológico como um ser diferenciado do geral, da psicologia coletiva. Individuação é, portanto, um processo de diferenciação, cujo objetivo é o desenvolvimento da personalidade individual (JUNG *apud* MUSZKAT, 1986, p. 17).

Diante disso, entendemos que o processo de identidade acontece após esse entendimento do indivíduo que percebe a sua diferença a partir do meio social. Contudo, essa ideia de diferente, de se reconhecer enquanto diferente surge através do olhar do outro. Ou seja, o outro começa a lhe mostrar, de maneira preconceituosa ou não, que você possui uma identidade diferente.

Assim, acreditamos que os aspectos de individuação estão conectados com o coletivo, pois, a própria ideia de diferente surge a partir de um coletivo (sociedade) que enxerga você como diferente e, logo, na maioria das vezes, excluindo tal sujeito, pois, a sociedade entende o “diferente” como uma ameaça aos padrões normativos propostos.

Com isso, Muszkat (1986, p. 24) em seu conceito de identidade, diz:

[...] proponho que a Identidade seja entendida como um *complexo funcional*, já que se trata de um *agrupamento de conteúdos psíquicos carregados de afetividade, que se configuram e se modificam através do exercício da própria função*. Essa função se define por uma constante experimentação e transformação do mundo e das próprias necessidades, na promoção da integração e discriminação do próprio complexo. Do ponto de vista do indivíduo, esse complexo funcional é vivido como uma *experiência emocional* que permite a cada um se perceber como uma entidade única e separada do outro, que é ao mesmo tempo igual a Si-mesmo.

Além do conceito de identidade proposto por Muszkat (1986), gostaríamos de acrescentar que a identidade além de afetiva e vivida de uma perspectiva emocional pelo ser, é, sobretudo, um ato político de resistência, pois, é através dessa afirmação e enfrentamento que teremos uma ascensão, ainda que minúscula, de uma classe que outrora fora explorada por uma raça/sujeitos que se consideram superiores. Diante disso, deduz-se que, se entender e se reconhecer enquanto pertencente àquele grupo tido como inferior, torna-se, acima de tudo, um ato de rebelar-se contra um sistema opressor.

Segundo a Carta Capital, por meio dos dados disponibilizados em dezembro de 2017, afirma que, cerca de 64% do sistema carcerário é composto por pessoas negras, dados estes que, provavelmente, já devem ter aumentado. Além disso, no Brasil temos uma população negra de aproximadamente 52%, contudo, poucos assumem uma posição social de destaque, comprovando, assim, o racismo estrutural existente na nossa sociedade.

Nesse sentido, Moore (2007, p. 284) destaca que,

a função básica do racismo é de blindar os privilégios do segmento hegemônico da sociedade, cuja dominância se expressa por meio de um *continuum* de características fenotípicas, ao tempo que fragiliza, fraciona e torna impotente o segmento subalternizado.

Desse modo, entendemos que essa estrutura racial, faz com que pessoas negras estejam inseridas dentro de uma relação subalternizada, em que evidencia a falta de oportunidade, bem como uma estrutura social que prevê manter privilégios sociais de um determinado segmento hegemônico.

Com isso, compreendemos que a organização social que existe, atualmente, ainda estigmatiza e inferioriza sujeitos (negros), causando uma relação de poder. Assim, urge refletir sobre um processo de desracialização que seja concreto e parte constituinte desta atual estrutura social. Neste sentido, “a luta permanente e multifacetada contra o racismo, nas suas formas estruturais e sistemáticas, no imaginário social, e nas suas formulações ideológicas, se faz necessário em nível planetário” (MOORE, 2007, p. 293).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na aula, que ocorreu no dia 14 de novembro de 2018, tivemos a oportunidade de discutir sobre o processo de construção da identidade negra. Decidimos trabalhar tal temática em sala de aula, visto a importância de discutí-la, bem como debater sobre as questões histórico-sociais a respeito de como são construídas as relações com as raças/etnias e, mais precisamente, a construção da negritude na sociedade. O texto/poema abordado para auxiliar na discussão foi da escritora peruana Victória Santa Cruz, *Me gritaron Negra*.

Em um primeiro momento, entregamos o poema para os alunos e pedimos para que estes fizessem uma leitura silenciosa do poema. Em seguida, solicitamos que os alunos escrevessem suas reflexões e interpretação do texto literário. Posteriormente, fizemos a leitura do poema juntos, em voz alta e, iniciamos as discussões em torno do poema e das questões da identidade negra, em que os alunos puderam expressar suas interpretações sobre o texto, como também suas vivências e experiências a respeito das questões raciais. Durante as discussões, trabalhamos também as questões histórico-sociais tanto do racismo como da construção da identidade negra na sociedade de maneira geral, assim, fazendo uma contextualização para os alunos.

Diante do exposto, observamos o interesse dos alunos em discutir tal temática em sala de aula, ainda que, no início do processo de construção do debate em classe, alguns alunos não quizessem falar, mas depois entraram na discussão, colocando em pauta suas reflexões sobre o sistema racista em que vivemos e o quanto essa estrutura social, o racismo, os priva de direitos sociais básicos. Algo que nos chamou a atenção foi um determinado sujeito/aluno que ficou a maior parte da aula em silêncio, este é um garoto negro que, aparentemente, ainda não se sentia a vontade para falar. Contudo, ao final da aula esse aluno fez um relato, enquanto negro, dizendo as situações de racismo, que já tinha passado tanto no âmbito escolar, como também no âmbito social. Esse relato causou uma comoção nos demais alunos. Não sabemos ao certo se porque se identificaram com o relato de tal sujeito ou por outros motivos.

Com isto, entendemos a importância das discussões sobre questões raciais em sala de aula, bem como o processo de construção da identidade negra. Assim, enquanto professores, necessitamos assumir a responsabilidade em discutir tal temática em sala de aula, para construir uma sociedade mais justa e igualitária para todos, como também formarmos sujeitos/cidadãos mais críticos e conscientes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi possível observar ao longo da construção deste trabalho, o racismo é parte constituinte de uma sociedade marcada por uma estrutura etnico-racial. Há milênios, que o racismo resulta na escravização dos sujeitos que são vistos como inferior desde a época do descobrimento e das conquistas de territórios pelos povos europeus. Assim, compreendemos que o racismo é global e universal, não ideológico e historicamente comprovado.

Deste modo, entendemos que discutir sobre as questões estruturais e histórico-sociais em que o racismo está inserido, é uma prática importante, não somente nos aspectos educacionais, mas, também no social e coletivo. Pois, durante gerações, vários povos foram escravizados pelo seu fenótipo, sendo assim, considerados inferiores.

Com isto, percebemos que discutir, em sala de aula, sobre a construção da identidade racial, bem como os fatores histórico e cultural aos quais esta etnia/raça foi submetida, se torna um fator importante para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Compreendemos também que dar voz a estas pessoas em sala de aula, como foi o caso de um determinado aluno que relatou sobre sua experiência frente à sociedade racista, corroborou para que tais estudantes pudessem refletir criticamente sobre as implicações e falta de oportunidade que gera o racismo na nossa sociedade.

Palavras-chave: Identidade Negra; Educação; Empoderamento.

REFERÊNCIAS

MOORE, Carlos. **Racismo & Sociedade:** novas bases epistemológicas para entender o racismo. – Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o Racismo na Escola.** 2 ed. revisada. – Brasília: MEC/SECAD- Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e diversidade, 2005.

SILVA, Mozart Linhares da. **Educação, etnicidade e preconceito no Brasil**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007.

SANTANA, Marise de. O legado Africano na Diáspora e o trabalho docente In: AMARAL JR, Aécio; BURYTY Joanildo de (org). **Inclusão Social, Identidade diferença**: Perspectivas pós-estruturalistas de Análise Social- São Paulo: Annablume, 2006.

MUSZKAT, Malvina. **Consciência e Identidade**. Série Princípios nº 73. São Paulo: Ática, 1986.

CARTA CAPITAL. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/no-brasil-64-dos-presos-sao-negros>> Acessado em: 05 de outubro de 2019.